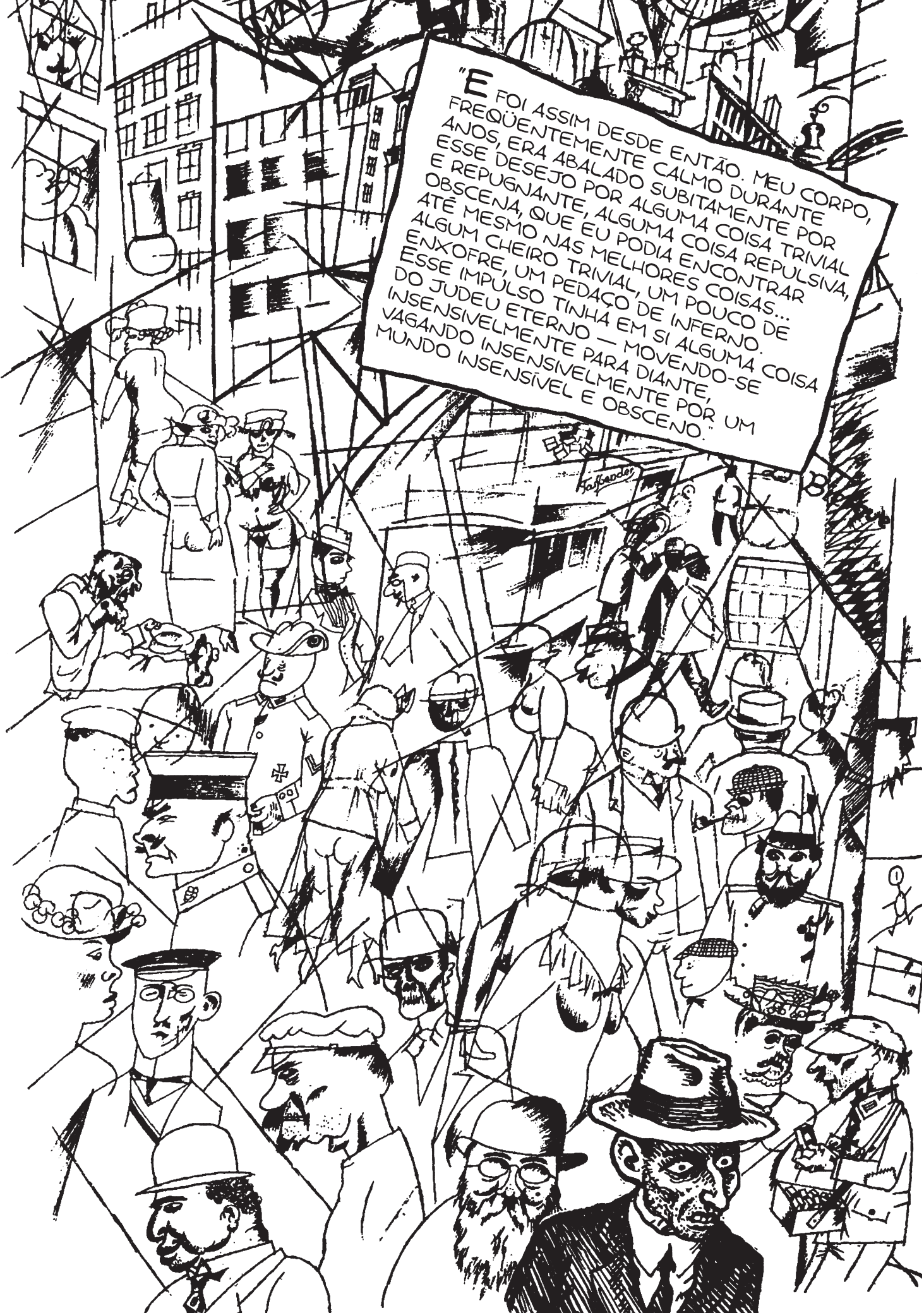


"E FOI ASSIM DESDE ENTÃO. MEU CORPO, FREQUENTEMENTE CALMO DURANTE ANOS, ERA ABALADO SUBITAMENTE POR ESSE DESEJO POR ALGUMA COISA TRIVIAL E REPUGNANTE, ALGUMA COISA REPULSIVA, OBSCENA, QUE EU PODIA ENCONTRAR ATÉ MESMO NAS MELHORES COISAS... ALGUM CHEIRO TRIVIAL, UM POUCO DE ENXOFRE, UM PEDAÇO DE INFERNO. ESSE IMPULSO TINHA EM SI ALGUMA COISA DO JUDEU ETERNO — MOVENDO-SE INSENSIVELMENTE PARA DIANTE, VAGANDO INSENSIVELMENTE POR UM MUNDO INSENSIVEL E OBSCENO."





Ditadura kafkiana

Autor tcheco foi lido como escritor que poderia lançar luzes sobre a vida nacional durante o regime militar

GONÇALO JUNIOR

Franz Kafka (1883-1924) foi, provavelmente, o escritor mais influente do mundo no século XX. Mesmo que nem todos confessem ou percebam a inspiração, que pode ter vindo por meio de terceiros. Embora ainda considerado de leitura “difícil”, o escritor tcheco até poderia ser chamado de ícone *pop*. Nos EUA, ainda na década de 1960, por exemplo, Kafka teve sua estampa difundida pelo pai da *pop art*, Andy Warhol. O episódio “Little Girl in the Big Ten”, do desenho *The Simpsons*, exibido em 2002, mostrava Lisa Simpson frequentando um bar de intelectuais chamado Café Kafka – quase o mesmo nome que Erico Verissimo deu ao seu bar no romance *Incidente em Antares: Kafé Kafka*. Quem passar numa livraria encontrará adaptações nacionais e estrangeiras de seus contos e romances para os quadrinhos. Um dos grandes sucessos da década de 1980 foi a música *Uma barata chamada Kafka*, do grupo Inimigos do Rei.

No caso do Brasil, essa popularidade, no entanto, é um fenômeno relativamente recente. Basta considerar que somente três décadas depois da morte de Kafka seus livros começaram a ser discretamente publicados aqui. Exatamente no momento em que o país entrava numa ditadura, Kafka ganhou mais espaço nas livrarias. Teria sido mera coincidência? Talvez. Eduardo Manoel de Brito, pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP e doutor em letras, língua e literatura alemã, investigou essa relação em seu doutorado “Quando a ficção se confunde com a realidade: as obras *A colônia penal* e *O processo* como filtros receptivos da ditadura civil-militar brasileira”, orientado por Celeste H. M. Ribeiro de Sousa. Conclui que Kafka foi lido, apesar de não exclusivamente, mas de fato, como um escritor que poderia lançar luzes sobre a situação política vivida pelos brasileiros durante os anos da ditadura. Outros também o consumiram porque sua obra refletia sobre questões existenciais fundamentais – o ser lançado no mundo, o vazio da existência, o sentimento de uma culpa adâmica nunca superado.

Contudo, explica ele, os textos *O processo* e *A colônia penal* tiveram como uma de suas razões de recepção mais fortes o fato de que mostravam literariamente o que vários brasileiros viviam e sentiam

"SER ARRASTADO PELA JANELA DO TÉRREO DE UMA CASA POR UMA CORDA AMARRADA AO PESCOÇO, E DEPOIS SER PUXADO PARA CIMA, SANGRANDO E MUTILADO, POR ALGUÉM DESATENTO, SEM CONSIDERAÇÃO, ATRAVÉS DOS TETOS, MÓVEIS, PAREDES E QUARTOS, ATÉ QUE OS ÚLTIMOS PEDAÇOS DESTRUÍDOS DE MIM CAÍSSEM DO LAÇO VAZIO QUANDO ELE ATRAVESASSE AS TELHAS E FINALMENTE PARASSE NO TELHADO."



na pele. "Não por acaso, a tortura está presente em ambos os textos kafkianos", observa. De acordo com Brito, a junção das fontes comprovadoras da tese, como artigos de jornais e revistas (acadêmicos e não-acadêmicos), as entrevistas e a análise da propriedade de mesma do texto ser interpretável como uma espécie de crítica à violência, mostra que críticos intelectuais brasileiros leram e divulgaram textos kafkianos como formas de refletir e criticar a política repressora da época.

Primárias - A demora para Kafka ser traduzido no Brasil, revela o pesquisador, aconteceu porque havia informações primárias ou desconhecimento sobre o escritor que poderiam criar a idéia de que ele seria um autor quase intraduzível. O tradutor Modesto Carone chegou a mencionar em entrevista a Brito que leu em algum lugar que Kafka teria escrito suas obras em tcheco. "O mercado parece que não estava muito animado a traduzi-lo, visto ser ele considerado complexo. Mas, na década de 1960, havia já bastante informação sobre o autor. Ajudou nesse sentido a publicação de *A metamorfose* nos anos de 1950. Portanto, era possível um risco calculado para sua publicação mais sistemática." A motivação inicial que veio depois, acredita Brito, foi mercadológica.

Sua pesquisa, porém, é uma tentativa de mostrar o uso possível da literatura estrangeira como um instrumento capaz de varar o "silêncio" instaurado pela Censura. "Naturalmente, a ditadura impunha um silenciamento à crítica, em especial depois de 1969, com o AI-5. Assim, ler situações de tortura, perseguições sem sentido, mortes praticadas por um sistema político na obra de Kafka eram formas de superar o silenciamento imposto pelo regime e levar as pessoas a encontrarem no texto literário aquilo que era proibido de ser discutido abertamente." Desse modo, acrescenta, quando alguns críticos falavam da ditadura soviética, relacionan-

do textos kafkianos com o ambiente ditatorial brasileiro, eles varavam o silêncio imposto, driblavam o regime de perseguição política brasileiro. No fundo, nas entrelinhas, a crítica era ao sistema brasileiro.

Brito afirma que há textos que explicitamente relacionam Kafka com violências praticadas no Brasil. Mesmo quando as palavras “Brasil” e “ditadura civil-militar brasileira” estão ausentes. Um bom exemplo disso é o artigo de Antonio Candido “A verdade da repressão”, de 1972. No ensaio, a questão é apresentar a polícia que tortura. “Não há menção à polícia brasileira, mas, dentro da generalidade do texto, é bem perceptível a crítica à polícia que torturava e tentava criar sua verdade a partir do discurso daquele que era torturado.” Além disso, com a dissolução do regime no final dos anos 1970, surgiram artigos mais explícitos, relacionando Kafka e a ditadura nacional, até chegar aos anos 1990, com a obra *Os leopardos de Kafka*, de Moacyr Scliar, que trata explicitamente do assunto.

O pesquisador não encontrou registro que indicasse que tenha havido algum controle sobre a obra de Franz Kafka pelo governo – leia-se, Censura. “Na verdade, o escritor seria hermético demais para ser diretamente relacionado com situações políticas brasileiras.” Moacyr Scliar trata disso no seu livro, quando um policial mostra o quanto podia ser chucro diante de um texto literário de alto nível. O mesmo, contu-

do, não aconteceu na Europa: Kafka foi censurado na ditadura nazista e foi um problema real na ditadura soviética. “Durante o nazismo, Kafka foi censurado por ser um escritor judeu. Na ditadura soviética, tornou-se um problema diante do realismo soviético, tendo havido, inclusive, congressos para definir como tratá-lo dentro do contexto da literatura a ser apresentada nos países comunistas.”

Violência - O doutorado de Brito foca o tema a partir de três pontos principais: o conceito de violência, literariedade e função social da literatura. Ele observa que, no primeiro caso, recorreu ao conceito de Hannah Arendt, mas dialoga com Walter Benjamin (*Crítica da violência, crítica do poder*) e Michel Foucault (*Vigiar e punir*) e a questão dos micropoderes. “Estes autores possibilitaram uma reflexão sobre a violência e a questão da violência do Estado.” A ideia de literariedade vem do formalismo russo e seria a ideia de buscar o especificamente literário no texto de literatura. “Ou seja, por mais que eu faça uma interpretação social do texto, a fundamentação crítica, a análise profunda do texto é literária.”

Sua preocupação era tratar a crítica da obra kafkiana como um estudioso de literatura, e não como um sociólogo, por exemplo. “A função social da literatura eu a encontrei em estudos de Antonio Candido, com quem eu também mantive uma correspondência breve durante os primeiros anos da escritura do meu trabalho. Era importante para mim a discussão sobre qual a função da literatura – buscando o enfoque social – sem abrir mão da crítica literária específica, daí a fidelidade aos princípios defendidos pelo formalismo russo.” Ele encontrou isso no crítico Antonio Candido, que não instrumentaliza a literatura em favor de outra coisa que não o valor literário estético, mas que parte da obra literária para tocar a vida em sociedade. ■

